

1 Introdução

O objetivo deste estudo consiste em analisar construções identitárias e posicionamentos de professores brasileiros e ingleses, de uma instituição escolar bilíngue no Rio de Janeiro, face ao processo de implementação de um novo currículo escolar, com uma proposta de educação internacional.

Com a expansão da globalização (Jones, 1998) e a discussão sobre a internacionalização (Leach, 1969; McKenzie, 1998; Cambridge e Thompson, 2000; Cambridge e Thompson, 2001), muitas instituições educacionais estão adotando currículos internacionais como diretrizes de ensino no Brasil. O corpo discente destas instituições procura uma formação voltada para a visão de mundo internacional, que abra portas para um futuro profissional mais promissor. A fim de contribuir com esta formação por um viés globalizado e internacional, muitos profissionais com formação no Brasil se preparam para lecionar neste ambiente educacional. Ainda assim, muitos professores são contratados de países europeus, como, por exemplo, a Inglaterra. Com o contato intercultural, uma das questões centrais desta pesquisa consiste em analisar e discutir como professores brasileiros e ingleses constroem suas identidades e posicionamentos neste ambiente educacional heterogêneo.

No âmbito educacional, a discussão sobre os temas globalização e internacionalização aponta para uma tensão entre esses dois conceitos. Cambridge e Thompson (2001) definem a globalização como a integração econômica alcançada a partir do estabelecimento de um mercado global marcado pelo livre comércio e pouca regulamentação. No entanto, os autores vêm também o internacionalismo como a promoção da paz mundial e do bem estar a partir do desenvolvimento e aplicação de estruturas internacionais obedecendo a princípios intergovernamentais. Já na visão de Hayden e Thompson (2012), internacionalismo no âmbito educacional é uma filosofia existencial e experimental que valoriza o desenvolvimento moral do indivíduo e reconhece a importância do serviço para a comunidade, a conscientização social e a cidadania. Além disso, os autores abordam a

diversidade cultural e promoção da cooperação internacional em uma perspectiva de educação “internationally minded”, distanciando-se da educação centrada no indivíduo, para a criação de um *self* multicultural.

Tendo como pano de fundo o debate sobre educação internacional e o internacionalismo, destaco a posição de Bhabha (1994, 1996, 1998) que aponta para as questões entre culturas em contatos fronteiriços que, apesar de produzirem assimetrias, abre espaço potencial para a criação de um entre-lugar em que emergem identidades híbridas mediadas pela linguagem e pela interação situada em um dado contexto sociocultural localizado.

Pelo viés da semiótica, Landowski (1997) propõe que identificar e perceber o outro é o caminho para a auto-identificação de um sujeito que projeta sua própria imagem a partir de uma alteridade a ser construída. Considero, no entanto, que a maneira como percebemos o outro pode ser marcada pela prática de mitigar o dessemelhante, o membro do *out-group* (Ting-Toomey, 1999; Bucholtz e Hall, 2006) ou o “stranger” (Gudykunst e Yun Kim, 1994), estabelecendo uma posição estereotipada baseada apenas em exterioridades propagadas pelo senso comum.

Por pertencer a uma comunidade educacional intercultural, convivo com professores de diversas nacionalidades, em sua maioria inglesa e brasileira, notei que situações de conflito emergem desta interação sociocultural no âmbito escolar. De um lado, um corpo discente em sua maioria composto por alunos brasileiros, do outro, um corpo docente mesclado entre brasileiros e ingleses e, por último, a tensão no cotidiano, com a proposta institucional de implementação de um currículo com uma filosofia pedagógica voltada para a comunicação entre-culturas, e a criação de um espaço educacional com ênfase crescente no debate sobre o internacionalismo. Ao vivenciar estas situações diariamente, surgiu minha motivação de pesquisar sobre construções identitárias e posicionamentos de membros do corpo docente da instituição, em sua configuração e reconfiguração profissional na instituição; em seu contato com o idioma do outro e com as diferentes comunidades culturais; assim como em sua relação com o debate suscitado pelo novo currículo com foco no internacionalismo.

Durante o processo de implementação do novo currículo nesta instituição, surgiu o debate sobre a natureza de sua proposta, principalmente no que tange o tema internacionalização. A situação em si foi duplamente interessante para o

estudo da manifestação de entre-lugares culturais (Bhabha, 1994, 1996, 1998) de professores brasileiros e ingleses, em sua inserção sociocultural.

Surgiram, então, as seguintes perguntas de pesquisa:

- 1) Como é ser professor em uma instituição bilíngue, com uma proposta internacional, no Rio de Janeiro?
- 2) Como os professores se manifestam em entre-lugares institucionais e culturais, entre a sociedade brasileira e a inglesa, no contexto de uma escola bilíngue, com uma proposta internacional?
- 3) Como é entendida, pelos professores, a proposta de internacionalização adotada pelo novo currículo escolar na instituição?

A perspectiva teórica e metodológica é de ordem sociocultural e interacional, articulando a questão dos entre-lugares, a discussão acerca do hibridismo e da transdiferença nos espaços interculturais. Além disso, a teoria do posicionamento (Davies e Harré, 1990; Van Langenhove e Harré, 1999; Harré *et al.*, 2009) é amplamente utilizada, em seu viés sociointeracional e socioconstrucionista, incluindo os posicionamentos individuais e coletivos, e sua relação com as pistas discursivas que contribuem para a análise de construção identitária individual e coletiva (Snow, 2001).

Os posicionamentos identitários são sinalizados a partir de mecanismos linguísticos como indexais (Levinson, 2007; Bucholtz e Hall, 2005; De Fina, 2005, 2011) *accounts* (Scott e Lyman, 1968; Buttny e Morris, 2001; De Fina, 2009) e metáforas (Lakoff e Johnson, 1980; Grigoletto, 2000; Van Langenhove e Harré, 1999). Também é apresentada a relação entre a teoria do posicionamento e a relação interpessoal na teoria da face e polidez (Goffman, 1967; Brown e Levinson, 1987), incluindo questões relativas à mitigação (Fraser, 1990; Holmes, 1984).

Os objetivos do estudo consistem assim em:

- 1) Analisar, na fala-em-interação, na entrevista de pesquisa, a coconstrução institucional e sociocultural de identidades individuais e coletivas dos dois grupos de professores, em sua inserção em uma escola bilíngue, de proposta internacional;

- 2) Analisar os posicionamentos dos dois grupos de professores da instituição, no que tange ao debate sobre o internacionalismo, na entrevista de pesquisa.
- 3) Analisar como são sinalizados os posicionamentos e as construções identitárias, mediante os mecanismos teórico-analíticos, como *indexais accounts* e metáforas.
- 4) Fazer reflexões de natureza teórica e analítica, sobre os entre-lugares e posicionamentos de ordem sociocultural, no contexto em foco.

A entrevista de pesquisa qualitativa semiestruturada (Anexos 2 e 3) (Nunkoosing, 2005) foi utilizada como instrumento metodológico, com dois grupos de docentes separadamente: três professores brasileiros e três britânicos. Os objetivos das entrevistas basearam-se em questões latentes presentes nos debates desta comunidade de prática (Wenger, 1998), por exemplo: a) a configurações e reconfigurações identitárias sobre o papel de professor na escola; b) ao papel do idioma do outro na construção da identidade; c) a coconstrução da identidade sociocultural de si mesmo no contato com o outro; d) a reflexão acerca do tema da internacionalização do novo currículo.

As entrevistas foram feitas separadamente com os professores, de acordo com a nacionalidade, com o objetivo de preservar e legitimar as negociações de significados e coconstruções de identidades em uma interação face-a-face entre membros de mesma realidade sociocultural e tendo como entrevistadora uma professora brasileira da instituição.

Durante a interação com os professores ingleses, a presença da pesquisadora/entrevistadora, enquanto professora da instituição, representa uma realidade sociocultural diferente, podendo ter contribuído para diferenciações na participação dos grupos de entrevistados, no processo de comunicação (Gudykunst e Yun Kim, 1994).

A partir do paradigma qualitativo e interpretativo o posicionamento do pesquisador segue uma “natureza socialmente construída da realidade, a íntima relação entre o pesquisador e o que é estudado, e as limitações situacionais que influenciam a investigação” (Denzin e Lincoln, 2006, p.23). Devemos assim considerar o envolvimento de questões relativas a poder, ideologia, história e subjetividade (Moita Lopes, 1994) que se manifestam e são coconstruídos nesta

relação (Ochs e Jacoby, 1995). O pesquisador que assim trabalha assume que as descrições e explicações envolvem um ponto de vista seletivo e uma interpretação. Ao ser sensível à natureza social do próprio conhecimento relatado e coconstruído (Schiffrin, 1994), considera-se que o pesquisador também é um membro de uma sociedade e de uma dada cultura, o que afeta diretamente o modo como ele vê e interpreta o mundo (Hughes, 1983, p.119), manifestos na ordem da interação, no processo comunicativo.

A metodologia da pesquisa é de ordem qualitativa e interpretativista (Denzin e Lincoln, 2006), com entrevista de natureza etnometodológica (Roulston, 2010). Ao tratarem da metodologia qualitativa, Denzin e Lincoln (2006) salientam que, na atual conjuntura de descoberta e redescoberta, o fazer pesquisa qualitativa não pode mais ser visto a partir de uma perspectiva positivista neutra ou objetiva. É possível pensar, nesse sentido, a pesquisa qualitativa, como um “território movente” (Fabrício, 2006) na contemporaneidade.

As pesquisas de De Fina (2011) e Roulston (2010) contribuíram para a escolha da entrevista enquanto metodologia qualitativa de coleta de dados, uma vez que versam sobre a importância do observador/pesquisador durante este processo. Segundo De Fina (2011), entrevistas são eventos em que as pessoas geralmente reproduzem ações sociais e crenças típicas de sua comunidade. De Fina (*op.cit*) chama atenção para a não neutralidade do entrevistador durante a entrevista em pesquisa qualitativa e ressalta a importância da interação entre os participantes da entrevista para a construção de um contexto significativo.

Para Roulston (2010) a entrevista é um veículo para a produção de textos performáticos e performances etnográficas do *self* e da sociedade, não um método que garanta a coleta de dados estática e pré-estabelecida. O propósito da perspectiva interpretativa para a entrevista é unir os participantes e suscitar como, ao construírem seus relatos de forma dialógica e reflexiva, (re)constróem identidades em uma crítica ao mundo sociocultural em que vivem.

A fim de responder às perguntas de pesquisa e de cumprir os objetivos propostos, desenvolvo este estudo com base na divisão apresentada a seguir:

No Capítulo 2, discuto abordagens teóricas sobre a globalização e a internacionalização e suas implicações no contexto escolar. O novo currículo internacional – *International Primary Curriculum* (doravante IPC), um dos focos centrais do debate em questão, também será discutido. Além disso, será apresentada a es-

trutura curricular e o aporte filosófico em que está pautada a instituição internacional, contexto de estudo na presente pesquisa.

O posicionamento teórico é de ordem sociocultural e interacional, articulando a perspectiva dos entre-lugares, do hibridismo e da transdiferença nos espaços interculturais, com a teoria do posicionamento, envolvendo face e polidez, com estratégias de mitigação. São utilizados indexais, *accounts* e metáforas, como instrumento teórico e analítico na sinalização de construções de entre-lugar. Os pressupostos teóricos foram abordados nos Capítulos 3 e 4.

As questões que envolvem a construção de identidades de ordem sociocultural, sua descrição teórica e relevância para a pesquisa são detalhadas no Capítulo 3, dividido em três subseções. A primeira é dedicada ao debate sobre cultura, comunicação e identidade (Gudykunst e Yun Kim, 1999; Schiffrin, 1999; Ting-Toomey, 1999), seguida da apresentação do paradigma da diferença na relação com a alteridade (Landowski, 1997) e finalizando com as questões sobre o entre-lugar cultural (Bhabha, 1990, 1994, 1996, 1998), o hibridismo (Bhabha, 1996, 1998) e a transdiferença (Olinto, 2010). São debatidas, no aporte teórico, as relações entre o “eu” e os “outros”, a partir de situações de contato intercultural, em que os participantes constroem suas identidades de entre-lugar, demarcadas pela duplicidade de estarem no Brasil, porém em um contexto institucional internacional. Também neste capítulo discuto estereótipos que recaem como estigmas sobre as marcas culturais das comunidades de origem dos participantes da pesquisa.

O Capítulo 4 traz o aporte teórico metodológico da ordem sociointeracional, incluindo os estudos sobre a teoria do posicionamento e seus desdobramentos, como: a tríade caracterizada pelos estudos sobre posição, posicionamento e *storylines*; tipos de posicionamentos; posicionamentos individuais e coletivos. A fim de sinalizar as construções de posicionamentos, apresento o instrumental teórico e analítico que articula a relação interpessoal na teoria da face e da polidez e questões de mitigação. Indexais, *accounts* e metáforas são apresentados como mecanismos de contextualização enquanto pistas linguísticas para a construção de posicionamentos identitários.

No Capítulo 5, trato dos pressupostos metodológicos da pesquisa: a pesquisa qualitativa-interpretativista a partir de Denzin e Lincoln (2006), assim como a co-construção da narrativa em contexto de entrevista (De Fina, 2009; De Fina e Perrino, 2011). A proposta interacional para a entrevista de pesquisa etnometo-

dológica é apresentada a partir dos pressupostos de Roulston (2010) e De Fina (2011). São apresentadas as questões teóricas relacionadas à realização de entrevistas em grupo e ao papel da pesquisadora, e seu papel duplo, enquanto entrevistadora e membro do corpo docente da instituição.

Os Capítulos 6, 7 e 8 dedicam-se à análise dos dados e são estruturados com base nos contextos interativos destacados no processo da interação, relevantes para as perguntas e os objetivos da pesquisa. No Capítulo 6, analisamos a configuração e reconfiguração identitária de professores brasileiros e ingleses na relação com a ordem institucional da escola. Mais especificamente, analisamos as construções e reconstruções identitárias em relatos desses profissionais, desde o seu ingresso na instituição e ao longo dos anos de permanência, na interação com alunos e professores da instituição,

No Capítulo 7, a análise está relacionada aos processos de construções de identidades de ordem sociocultural na relação de contato com o outro. Neste sentido, refletimos sobre o papel do idioma na construção da identidade dos professores brasileiros e ingleses e sobre as relações interpessoais construídas durante o contato com membros de outra comunidade sociocultural.

O Capítulo 8, último capítulo de análise, refere-se às percepções e aos posicionamentos dos professores sobre o novo currículo internacional no que tange o debate sobre o tema internacionalismo.

Os capítulos de análise revelam a ordem da interação, o movimento, e a (re)construção das identidades em fluxo dos participantes. Podemos observar esta trajetória, ao longo do processo, de coconstrução na instituição e junto aos participantes tornados relevantes em discurso - direção, alunos, professores -, mas posicionados no entre-lugar sociocultural.

Pretendo com esta pesquisa possibilitar uma visão mais reflexiva das questões relacionadas à internacionalização que emergem do novo currículo e que estão presentes nos relacionamentos interpessoais responsáveis por possibilitar a criação de um entre-lugar cultural e a coconstrução de identidades híbridas dos docentes da instituição escolar em foco.